



## Editorial – Edição 25 – Outubro de 2016

O austríaco Joseph Alois Schumpeter, nascido em 1883, foi um dos primeiros estudiosos da ciência da economia a considerar a inovação tecnológica como um *driver* do desenvolvimento. A Wikipedia apresenta um bom resumo de suas contribuições teóricas à área de economia. De acordo com sua teoria de ciclo econômico ou ciclo de negócios, a inovação é o ente que traz turbulências e causa o desenvolvimento econômico. Quando uma inovação acontece, a economia sai de seu estado de equilíbrio e sofre uma aceleração que altera significativamente suas condições prévias de equilíbrio.

Mas o que é necessário para fazer com que a inovação ocorra? Segundo suas concepções, é necessário que três condições sejam satisfeitas. A primeira condição tem a ver com atratividade, ou seja, devem existir oportunidades que atraiam os empreendedores, o setor privado, a indústria. A segunda condição alude ao desafio, seja em termos de competência humana, seja em termos de circunstâncias externas. Em outras palavras, quanto maior o desafio na superação das dificuldades, maior será o potencial de inovação. A terceira condição tem a ver com a capacidade de fazer acontecer, com um planejamento robusto, com o cálculo confiável de custos e, por conseguinte, com uma situação em que o equilíbrio econômico seja possível.

O setor elétrico nacional está passando neste momento por questionamentos quanto a seus conceitos e modelos, devido grande parte às adversidades com as quais o país teve que lidar nos últimos anos no que se refere à disponibilidade de recursos energéticos e seus custos. Um dos movimentos oriundos dessas circunstâncias culminou na chamada estratégica de P&D ANEEL número 20, focada no tema “Aprimoramento do Ambiente de Negócios do Setor Elétrico Brasileiro”. Existe neste momento, por conseguinte, uma excelente oportunidade para tornar o setor elétrico não apenas mais eficiente, mas também mais apto a conquistar melhores resultados com o desenvolvimento tecnológico, trazendo grandiosos benefícios para toda a sociedade brasileira.

Parece ser senso comum no setor que o modelo vigente não traz incentivos adequados ao empreendedor. Em algumas circunstâncias, o modelo não permite a exploração de determinada estratégia visando a novas maneiras de gerar energia ou mesmo de melhorar a efetividade de certa fonte energética. Isso ocorre quando o modelo conceitual preconiza uma forte regulação, a qual se vê facilmente e rapidamente defasada em relação ao desenvolvimento tecnológico. Em outras palavras, a regulação não prevê que determinadas oportunidades passem a existir, culminando com uma postura de desmotivação por parte dos empreendedores, os quais, segundo Schumpeter, são os principais responsáveis pelo desenvolvimento. De forma mais geral, não podemos mais admitir que o setor seja regido por um mecanismo que refreia o desenvolvimento, a saber, a postura avessa à competição como forma de buscar a inovação e a excelência. Não podemos muito menos alimentar a noção, que parece estar em voga no país, de que o livre pensar, o empreender e o inovar sejam ações perniciosas e caracterizem até mesmo um delito. Um país que almeja sua independência tecnológica e seu desabrochar como nação inovadora deve se livrar de ideologias e mecanismos que acabam castigando o empreendedor.

É premente a adoção de uma nova postura no setor elétrico, e esta oportunidade parece estar se delineando neste momento. Esperamos que paradigmas possam ser quebrados, que o pensamento crítico encontre ambiente para ser livremente praticado, e que as posturas avessas à inovação, que parecem ter maior relevância hoje em dia, possam dar lugar ao incentivo ao empreendedor, à exploração das riquezas tecnológicas e à livre busca pela excelência e pelo desenvolvimento.

Esta edição da Espaço Energia traz artigos inovadores focados em temas extremamente atuais, que vão desde o planejamento energético, passando por eficiência energética e aspectos técnicos relacionados a barragens de usinas, até estudos relacionados ao plano decenal de expansão e a formação de expectativas. Esperamos que esta edição possa enriquecer o conhecimento dos leitores e traga contribuições valiosas a todo o setor energético nacional.

Klaus de Geus  
Editor-chefe